



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: A CONCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS**

Beatriz Santos Batista

CAJAZEIRAS-PB
2016

BEATRIZ SANTOS BATISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Doutor Dorgival Gonçalves Fernandes

CAJAZEIRAS – PB
2016

BEATRIZ SANTOS BATISTA

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: A CONCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS

Relatório final apresentado à Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências para a obtenção do título de graduada em Pedagogia.

DATA DE APROVAÇÃO 25/10/2016

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. DORGIVAL GONÇALVES FERNANDES
ORIENTADOR/UFPG-CFP-UAE



PROF. DR. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA
EXAMINADOR/UFPG-CFP-UAE



PROF. DR. RISOMAR SANTOS
EXAMINADORA/UFPG-CFP-UAE

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

B333e Batista, Beatriz Santos.

O estágio supervisionado na formação do pedagogo / Beatriz Santos Batista. - Cajazeiras, 2016.
53p.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

Monografia (Graduação em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Estágio supervisionado. 2. Pedagogo-formação. 3. Estudante de pedagogia-CFP/UFCG. 4. Educação infantil-formação docente. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 378.24

Dedico este trabalho à minha mãe Jascivânia Inácia e ao meu pai Bernardino pelo amor, ensinamentos, apoio, carinho e incentivo para que eu possa realizar os meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primazia a Deus pela vida, sabedoria e por colocar indivíduos incríveis no meu caminho, pois sem a ajuda destes seria impossível concluir com êxito essa etapa acadêmica, pessoas que colaboram direto ou indiretamente no meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus pais pelo carinho, cuidado e dedicação, e que como todo bom sertanejo, trabalham arduamente para que eu possa estudar e me formar considerando o curso superior de valor impar para obter melhores perspectivas de vida.

À Profª. Drª Elzanir dos Santos pela atenção e acompanhamento desde o início do curso, por ver e contribuir de forma grandiosa na minha evolução na academia, por me corrigir e ter apontado as minhas falhas, sugerindo e mostrando pacientemente como eu poderia melhorar.

Ao meu orientador Prof. Dr. Dorgival Fernandes pelos ensinamentos, saberes e por compartilhar livros e conhecimentos. Por se referir a “nós” como uma dupla, me deixando confiante e segura.

À minha tia Janaine que como professora de Português gentilmente esteve revisando este trabalho e tantos outros durante a minha vida acadêmica, com críticas produtivas.

Às demais tias: Mariinha, Geane e Bernadete por sempre estarem presentes, se preocupando e se dispondo a ajudar.

A todos os professores da Unidade de Pedagogia que durante o curso tive oportunidade de partilhar experiências e aprendizagens, e pela mensagem que cada um deixou registrado, seja por sua metodologia ou pelos conteúdos das disciplinas.

Aos amigos que compreenderam á minha ausência, que foram companheiros e que eram meus refúgios quando precisava de lazer e de conversar.

RESUMO

Este trabalho teve como propósito analisar as concepções dos estudantes de pedagogia do CFP/UFCG sobre o estágio supervisionado na Educação Infantil para a formação docente, e especificamente, verificar quais as expectativas dos estudantes de pedagogia sobre a profissão do professor mediante a sua experiência como estagiário; bem como averiguar se o estágio supervisionado na educação infantil é tido como uma disciplina isolada ou é trabalhada de forma interativa juntamente com as demais disciplinas do curso; identificar como os professores em formação lidam com a relação teoria e prática na vivência do estágio. A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de Campina Grande com seis estudantes do curso de Pedagogia do 9º período, na cidade de Cajazeiras-PB. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, composta por seis questões e subdivididas em quatro tópicos: A importância do estágio supervisionado na educação; As concepções e expectativas sobre a profissão docente; A relação entre teoria e prática; e Universidade, currículo e condições de estágio. Com a realização desta pesquisa conclui-se que os estudantes consideram o estágio supervisionado na educação infantil como uma experiência de grande valia, sendo o estágio um momento crucial para o desenvolvimento de expectativas perante a profissão docente. Verificou-se também que a teoria e a prática andam lado a lado como suporte uma da outra, e que a Universidade oferece boas condições teóricas a partir das disciplinas que são oferecidas, na qual trabalham em interação visando preparar o estudante para o estágio. Todavia, no estágio supervisionado, os alunos sofrem acentuadas dificuldades financeiras para deslocamentos e confecção de materiais didáticos, e apontam que a Universidade é falha neste quesito.

Palavras chave: Estágio supervisionado. Formação do pedagogo. Teoria e Prática.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the conceptions of pedagogy students of CFP / UFCG on supervised training in teacher education of early childhood education and specifically check the expectations of teaching students about the teaching profession through its experience as an intern; as well as pointing the supervised training in early childhood education is seen as an isolated discipline or is worked interactively with the other disciplines of the course; identify how student teachers deal with the relationship between theory and practice in stage experience. The research was conducted at the Federal University of Campina Grande with six students from the Faculty of Education of the 9th period in the city of Cajazeiras-PB. The qualitative research was to implement a semi-structured interview composed of six questions and divided into four topics were: importance of supervised education, the conceptions and expectations about the teaching profession; relationship between theory and practice, university, curriculum and training conditions. With this research we concluded that students consider the supervised training in early childhood education as a valuable experience, and stage a crucial time for the development of expectations towards the teaching profession. It was also found that the theory and practice go hand in hand and support one another. And that the University offers good theoretical conditions from disciplines that are offered, which work in interaction in order to prepare the student for the internship. However, supervised training, students suffer pronounced financial difficulties, and point out that the University's failure in this regard.

Keywords: Supervised training. Formation of the pedagogue. Theory. Practice

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	16
1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE	16
1.1. CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS E SABERES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	22
1.2. A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PRÉ-REQUISITO PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	26
CAPÍTULO II	32
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
CAPÍTULO III.....	34
1. ANÁLISE DE DADOS.....	34
1.1. A IMPORTÂNCIA E COMPLEXIDADE DO ESTÁGIO.....	34
1.2. CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE	36
1.3. UNIVERSIDADE, CURRÍCULO E CONDIÇÕES DE ESTÁGIO.....	40
1.4. A PROBLEMÁTICA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	42
1. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado “O estágio supervisionado na educação infantil para a formação do pedagogo: a concepção dos universitários” pretendeu fazer uma reflexão sobre a temática “O estágio supervisionado na formação do pedagogo”. A pergunta central que norteou essa pesquisa é: Quais as concepções dos estudantes de pedagogia do CFP/UFCG sobre o estágio supervisionado na educação Infantil para a sua formação docente? O presente trabalho objetiva analisar as concepções dos estudantes de pedagogia do CFP/UFCG sobre o estágio supervisionado na Educação Infantil para a formação docente, e a partir do objetivo geral surgiram três objetivos específicos que foram: verificar quais as expectativas dos estudantes de pedagogia sobre a profissão do professor mediante a sua experiência como estagiário; averiguar se o estágio supervisionado é tido como uma disciplina isolada ou é trabalhada de forma interativa juntamente com as demais disciplinas do curso e identificar como os professores em formação lidam com a relação teoria e prática na vivência do estágio.

O interesse por essa temática partiu das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, um momento primordial na graduação em pedagogia que propõe vivenciar a relação teoria e prática. Um momento complexo, repleto de grandes dificuldades no tocante à locomoção, alimentação e questões financeiras, mas, sobretudo de aprendizagens. Durante esse momento foi possível perceber diversos discursos desanimadores proferidos por professores que já atuavam no magistério, com conceitos negativos em relação à profissão, em virtude das dificuldades que enfrentam, tais como: baixo salário, alunos indisciplinados, dificuldade na relação entre escola, família e comunidade, dentre outros fatores que implicam no processo de aprendizagem e no desenvolvimento eficaz do trabalho docente.

Em virtude da creche na qual estagiei ser localizada no sentido oposto da Universidade, para chegar até lá eu ia de carona após a aula, às 12:00 horas, antes disso, almoçava na Universidade e saía com antecedência da aula para que desse tempo almoçar antes de pegar o ônibus, almoço este que era pago. Ao chegar à escola esperava até 13:00 horas para que as crianças acordassem, nós (o estágio foi em dupla) ficávamos a tarde inteira com apenas um refeição feita somente no almoço e chegávamos em casa em torno das 17:30h, pois o horário variava e dependia do horário que conseguíssemos carona. No final da segunda semana do estágio eu adoeci, tive gripe e febre. A gripe se manteve até durante as duas semanas subsequentes, com o estresse a minha imunidade baixou. O horário do estágio era

oposto ao da aula, então eu saía de casa às 06h30min e retornava às 17h30min. O fim de semana era destinado à preparação e confecções de materiais que iam ser utilizados na semana, pois depois do estágio eu estava exausta, e mesmo assim, esse tempinho à noite era reservado para escrever no diário de campo o que havia ocorrido durante o dia para o relatório.

Neste sentido, quando me inseri na escola foi possível observar educadores desestimulados ou decepcionados com a prática docente, mencionando que a teoria se distancia da prática, em tom sarcástico, insinuando uma desvalorização do estágio e nossa preparação para atuar em sala de aula. Acrescentando, ainda, que tais comentários almejavam preparar o estagiário para o exercício pedagógico. Sobre essa situação, a citação abaixo afirma:

com muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem e pela perda dos direitos historicamente conquistados, além dos problemas do contexto econômico-social que os afeta. Assim, é comum os estagiários serem recebidos na escola com apelação do tipo: “Desista enquanto é tempo! “O que você tão jovem está fazendo aqui?”. (PIMENTA, LIMA, 2004, p. 104).

Esses comentários mencionados pelos professores, devido às provocações oriundas das situações vivenciadas e descritas acima, e ao considerar o estágio supervisionado um momento importante no processo de formação docente, propus-me a confrontar experiências que me levaram a indagar acerca dos efeitos dessas situações na concepção do professor em formação, sobre o estágio em si e sobre o futuro profissional.

Nas aulas desenvolvidas durante o momento de estágio na Educação infantil, na sala do pré I, percebi a possibilidade da professora que já estava em exercício, construir uma prática com mais dinamismo, isto é, variedades de atividades, inclusive no tocante à ludicidade, pois as atividades desenvolvidas se restringiam a exercícios impressos, antes e após o intervalo entre as aulas. Após o recreio era distribuída massa de modelar ou jogo de blocos móveis, como distração ou entretenimento enquanto chegava às 17:00 horas, o horário de término da aula. Admirava o carinho e afeto existente entre as crianças e a professora, na qual acredito ser algo marcante e característico da Educação Infantil, imbricada numa relação de respeito recíproco e disciplina.

No primeiro instante, pela imaturidade docente e carência de leituras, eu apontava críticas à postura docente que se contrapunha ao que eu, com a ajuda da universidade e do suporte teórico, considerava ideal a uma professora da Educação Infantil, que é o envolvimento da ludicidade, mas acontece que a ludicidade requer muita dedicação e gastos

financeiros, certo que alguns são de baixo custo, mas com o baixo salário dos professores é inviável e injusto que eles gastem com materiais didáticos, a menos que a escola ofereça tais materiais, como: cartolina, e.v.a., cola, papel cartão, tinta, impressora, afim de disponibilizar atividades diárias. Não obstante, na creche em que estagiei era feito um cronograma determinando dois dias de impressão para cada docente. Diferentemente dos estagiários, pois estávamos na escola com finalidade acadêmica por penas um mês e sendo avaliados e desempenhando o melhor trabalho possível para obtenção de boas notas, mas foi além disso, pois tive a felicidade de construir muitas aprendizagens, já as professoras da rede pública convivem com os problemas de falta de recursos diariamente.

Todavia, com o intuito de desenvolver práticas pedagógicas distintas da professora, busquei realizar um trabalho inovador, buscando contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento da aprendizagem. Dessa maneira, busquei inserir a ludicidade nos planos de aulas, empregando jogos, materiais semiconcretos e concretos, blocos lógicos, letras móveis, atividades com tintas, construção de cartazes com os próprios alunos, contação de histórias utilizando fantoches, teatro, livros e encenação acreditando que quanto mais utilizasse criatividade e empregasse atividades com fantasias, mais despertaria a atenção e a curiosidade das crianças. E de fato atrai a atenção das crianças, porém tive gastos econômicos exorbitantes que não estavam em meu orçamento, e na época eu não tinha auxílio de bolsa.

As atividades que desenvolvi foram sistematicamente planejadas, haja vista que o bom professor deve organizar o roteiro das suas aulas com intencionalidade, traçar objetivos que evoquem o motivo dos conteúdos a serem abordados e a metodologia a ser empregada. Quanto à metodologia, esta visa descrever o que o professor irá utilizar como instrumentos e estratégias para facilitar a aprendizagem do aluno, pois como afirmam Pimenta e Lima (2004), a metodologia não se restringe apenas ao como fazer, como elaborar e aplicar técnicas de ensino, e neste caso, deverá estar presentes os conceitos, a compreensão de mundo e as relações que o próprio docente estabelece com sua área de conhecimento, sua ética e valores, bem como o sentido que este atribui à sua profissão.

Ainda considero que seja pertinente destacar a postura do educador como um dos principais aspectos para motivar o aluno a se envolver com a aula, objetivando a sua aprendizagem e o seu entendimento acerca da importância do aprender. Nesta perspectiva, é na ação refletida, no redimensionamento de sua prática que o educador pode ser o principal agente de mudança na sociedade, na escola e na sua práxis docente em sala de aula.

Por essa ótica, a identidade do professor é construída e não é fruto de uma preparação inequívoca da universidade, ou como uma receita culinária que a ser seguida tal como os passos delineiam, resultará em um prato perfeito. Ramalho (2004) elenca algumas características essenciais para a execução de um trabalho eficaz e eficiente apontando a dedicação, o esforço, a pesquisa, o estudo e a criatividade.

Diante de tais considerações vejo que o presente estudo é de grande valia para a discussão social e acadêmica sobre o estágio e a docência, pois pode propiciar ampliação dos estudos sobre o estágio supervisionado e sua importância na educação infantil, pois como assinalam Pimenta e Lima (2004, p. 46):

A pesquisa no estágio, como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitem a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam, por outro e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidade de pesquisadores a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitem compreender e problematizar as situações que observam.

Aquele que aceita o desafio de educar estará se preocupando com a elevação do nível educacional da nação, afinal a sociedade necessita da educação para tornar-se, de fato, “sociedade do conhecimento”, e imprescindivelmente, de professores que realizam o seu dever com qualidade e zelo pelo próximo. Assim, o avanço da sociedade é indissociável do avanço da educação, do mesmo modo que não existe escola sem professor, pois este é uma peça essencial nesse processo. Porém, é injusto atribuir apenas ao professor as inúmeras falhas na educação, que de fato traz consigo mais responsabilidade do que os demais, porém existem fatores políticos, sociais e econômicos que interferem na educação, conforme afirma Ramalho (2004). Então fazendo jus a sua função social, cabe ao professor adequar as suas competências às necessidades que os alunos apresentam, e formar um sujeito consciente visando a sua emancipação como cidadão.

Para o professor em formação, o estágio pode vir a ser uma mola propulsora para seguir a carreira docente, ou, em contrapartida, um conhecimento negativo sobre o papel do educador, fazendo com que o indivíduo desestimule-se a prosseguir na profissão docente, pois comumente esse momento pode ser frustrante para o graduando na medida em que a sala de aula se mostra apavoradora e o esforço do professor se torna vão frente aos problemas encontrados em sala de aula. Daí, após os primeiros dias de estágio é comum entre os estagiários surgirem diversos motivos para faltar às aulas, tais como: doenças (gripe, febre),

trabalhos da faculdade, e assim, aparecem sucessivas desculpas para justificar a ausência no estágio.

Partindo das questões acima apontadas, me propus a investigar de que forma os estudantes de Pedagogia concebem o estágio em educação infantil após vivenciá-lo. Nessa perspectiva, perguntamos: Quais as expectativas quanto ao curso? Quais as perspectivas que possuem da profissão? O estágio estimulou ou desmotivou a escolha do ofício da docência? Como relacionar teoria e prática no estágio? Existe uma interação entre as disciplinas do curso de Pedagogia quanto ao estágio supervisionado, ou é uma disciplina isolada e individual? As demais disciplinas oferecem suporte ou contribuem para o período do estágio supervisionado? A Universidade disponibiliza condições adequadas para essa prática? A Universidade poderia fazer algo para contribuir nessa prática?

Nesse sentido, diante de tais questionamentos é possível perceber que é de grande importância pensar acerca do estágio supervisionado devido às experiências que oportunizam habilidades técnicas, liderança, domínio teórico e científico, compromisso político e social. No entanto, por outro lado, o estágio pode ser interpretado como um teste de resistência que pode colocar em dúvidas o desejo de seguir a profissão docente, que no momento se apresenta tão árdua, e por essas percepções negativas o licenciando pode optar por desistir da possibilidade de lidar diariamente com os problemas sociais, psicológicos e cognitivos que se fazem presentes no dia-a-dia da sala de aula.

CAPÍTULO I

1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Neste capítulo será realizado um diálogo pertinente de ideias à luz de alguns pensamentos de autores que se ocupam em discutir o assunto do estágio e da docência, a fim de clarear o entendimento com argumentações precisas aos questionamentos aqui levantados. É comum ouvirmos estudantes e professores de licenciatura comentarem que o curso de pedagogia tem muita teoria e pouca prática, por isso formam professores inseguros e despreparados. É certo que só existirá uma educação de qualidade no País a partir da formação dos profissionais que vão trabalhar nas escolas, especialmente o professor, o provedor de conhecimentos básicos sobre didática, e se espera que tenha domínio de conteúdo e de gestão da sala de aula.

O que os professores revelam em sua missão diária são as dificuldades enfrentadas na ação docente em sala de aula, isso significa que os docentes podem e devem procurar mais subsídios quando considerarem a sua preparação insuficiente. Então esse fato nos remete à reflexão de como foi desenvolvida a realização do estágio supervisionado para a docência, se foi por uma mera obrigação, um “faz de conta” ou uma prática intencionada e feita com responsabilidade social e comprometimento com a educação dos alunos. Independente da forma na qual o professor em formação conduz o estágio, ele se tornará significativo e indispensável na construção da identidade docente. Neste sentido, afirmam Pimenta e Lima (2004, p.65):

E o que fazem os estagiários nesse momento de sua vidas? Preparam-se para a profissão docente ou legitimá-la. Essa profissão situa-se na contradição de discurso da valorização do magistério das políticas da educação que normatizam inovações sem levar em conta as relações de trabalho dos professores. Assim, mesmo acreditando em si mesmo e na profissão, o estagiário pode esbarrar no contexto, em situações de desgaste, cansaço e desilusão dos profissionais da educação, nas condições dos objetivos das escolas muitas vezes invadidas por problemas sociais, cuja a solução está longe de sua área de atuação.

O processo do estágio é difícil, pois envolve uma série de fatores que implicam na permanência ou desistência na profissão, assim é um momento em que o professor em

formação esteja firme e o realize com persistência, uma vez que o estágio tem como dever buscar melhores caminhos que proporcionem o favorecimento da aprendizagem do professor em formação. Segundo Perez (2012, p.129):

O estágio em seus fundamentos teóricos e práticos, seja esse espaço de diálogo e de lições de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e contribuir um jeito de conhecer na educação de modo a desenvolver resultados de melhor aprendizagem.

Assim, o educador em formação tem como principal objetivo apresentar formas para que o aluno aprenda, possibilitando inovação e ludicidade, enriquecendo tal experiência com matérias que intencionam adicionar nesse processo de conhecimento dos alunos, favorecendo a relação entre aluno e professor e aluno-aluno facilitando a construção de conhecimento.

Para tanto é cabível perceber o estágio para quem não exerce a docência, como uma mola propulsora que designa o aluno a agir e pensar como um agente de socialização inserido efetivamente na educação, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade e principalmente desempenhando uma função de extrema importância no desenvolvimento físico, psicológico, social e cultural dos alunos. Dessa forma o professor em formação está ante uma grandiosa responsabilidade para com os alunos, e tem a sua frente o poder de modificar vidas no que diz respeito ao contexto escolar. Isto posto, é uma chance do estagiário apresentar ideias, instigar sua capacidade de imaginação e criatividade, que antes do estágio não se fez transparecer na dimensão acadêmica.

A prática é necessária e dependente da teoria, e melhor, a teoria é também uma prática. Somente a prática não garante que o aluno desenvolva um trabalho por excelência. Pimenta e Lima (2004, p. 34) asseveram a esse respeito que:

[...] com frequência se ouve que o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, que a teoria é indissociável da prática. Para desenvolver essa perspectiva é necessário explicar o conceito de prática e de teoria e como compreendermos a superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, o que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atividade investigativa que envolve a reflexão, a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade.

O estágio supervisionado do curso de pedagogia tem como finalidade estabelecer uma vinculação entre a escola e a universidade, difícil é manter esse intercâmbio durante o processo formativo entre o que se teoriza e o que se pratica. Dessa forma, o graduando em pedagogia tem a oportunidade de experimentar o exercício profissional na docência e apostar

nas propostas e ações educativas do professor na sala de aula para que possa aprimorar os seus conhecimentos e técnicas profissionais. Assim, segundo Pimenta e Lima (2004, p. 37):

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação e reprodução, e às vezes, reelaboração dos modelos existenciais, e na prática consagrados como bons.

Desse modo, independente do interesse que temos pelo estágio supervisionado, ele é um pré-requisito para a conclusão do curso, sendo assim exigido na grade curricular. Contudo, o estágio pode ser cumprido por mera obrigação, mas em contrapartida também pode ser visto como uma oportunidade para que o professor em formação aprimore sua formação e interconecte a teoria e a prática diante de uma postura crítica reflexiva sobre a ação-reflexão-ação, uma vez que o professor em formação tem a possibilidade de agir, refletir, reparar e agir novamente. O estudante tem a chance de reformular, transformar e aperfeiçoar a práxis executada no estágio. Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 45):

Conclui-se que o estágio, ao contrário do que propugna, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação e realização. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento e fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto de práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade e da escola que a práxis se dá.

A priori, o estágio supervisionado propõe ao aluno experimentar suas aptidões técnicas antecipando-as na intensão de aprimorar seus saberes. Na grade curricular dos cursos de licenciatura os alunos já podem saber quando vai ser o estágio, se no meio ou final do curso; logo o licenciando tem a oportunidade de se preparar para a Prática, predominantemente provida nas aulas de metodologias. Durante o curso de licenciatura, constata-se a existência de diversas disciplinas que objetivam apresentar os fundamentos e metodologias do ensino de matemática, história, ciências, língua portuguesa, geografia. De forma resumida, tais disciplinas primam por subsidiar os discentes na prática em sala de aula, que por ora se convertem ao estágio.

Na construção docente o estágio encontra-se eminentemente associado a uma trajetória pessoal, pois as experiências do estagiário como professores em formação em busca de uma

realização pessoal e profissional, a sua inserção no mundo de trabalho e a interação com o outro ou com a sala de aula são elementos estruturantes para uma sólida construção docente.

A prática do estágio atualmente é construída como um processo de saberes teóricos e práticos e classificada como “atividade teórica” em que a atividade remete à ação, ressaltando o caráter indissociável entre teoria e prática. Diante desse ponto de vista a enaltece e condensa o suporte teórico que ocupa um papel norteador até à experiência. Pimenta e Lima (2004, p. 43) evidenciam que:

Nesse processo, o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez, que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Sendo assim é viável apontar a articulação da formação inicial com a prática profissional. Dentre as transformações existentes no cotidiano escolar, incluindo economia, política e cultura as escolas necessitam de professores capacitados e sobretudo competentes que dê conta da demanda de um profissional capaz de estabelecer mudanças e adequações em sua prática pedagógica.

O estágio supervisionado segundo Perelló (1998, apud MACIEL E MENDES, 2010) se configura na consolidação de uma função social: a de interagir com o mercado de trabalho, como profissional, como cidadão consciente e crítico. Todavia o estágio proporciona ao formando voltar-se sobre si mesmo, analisar suas práticas, função social, invenção, estratégias, metodologias e objetivos. Durante o momento do estágio é fundamental que o graduando desenvolva habilidades, tais como: criatividade, autonomia, tomada de decisões, tendo como subsídio a teoria que será útil frente aos problemas enfrentados.

Nesse entendimento, o professor em formação, num momento de apoio teórico no estágio, precisa ser investigador de si mesmo. Assim, pode-se destacar o estágio como uma etapa formativa sem a qual não se pode pensar em formação docente.

Corroborando as ideias de Silva (2012), vemos no estágio supervisionado a inserção do universitário em uma dada realidade, relacionando os conhecimentos acadêmicos com os da escola. A disciplina de estágio supervisionado não é a única que nos prepara para a o trabalho na escola, mas todas as outras se entrelaçam neste momento, nas instâncias universitárias o conjunto de disciplinas concede apoio conceitual e metodológico em um lugar no qual o aprendiz se defrontará com situações futuras que o estágio já as antecede,

possibilitando a criação de resoluções de problemas e uma visão sobre o real cenário das escolas.

Mas também é cabível destacar que quando o professor está no âmbito escolar, ele não pode se limitar em apresentar os conteúdos formais, mas como sujeito em processo de aprendizagem, ser capaz de contribuir para o crescimento da escola e de seus alunos. Nas palavras de Pimenta e Lima (2004, p. 132):

O professor no espaço do estágio tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito que não apenas produz o conhecimento, mas também pode tornar seu próprio trabalho de sala de aula em um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na ação refletida e no redimensionamento de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade.

É certo que na escola nos deparamos com diversas situações, que podem ser desanimadoras ou motivadoras. Para o educando em formação, tais situações podem ser percebidas como um “divisor de águas” para seguir a carreira docente, ou, em contrapartida, pode ser apontado como uma experiência negativa sobre o papel do educador, fazendo com que o indivíduo desestimule-se a prosseguir no campo da educação. De acordo com Pimenta e Lima (2004, p.106), “há clareza de que o estágio é a prática docente, principalmente para quem nunca esteve na sala de aula”. Sendo assim é o momento decisivo do indivíduo rever e conhecer o que de fato condiz com suas expectativas na vida profissional.

No estágio supervisionado o professor em formação está suscetível a se defrontar com casos inéditos e desafiadores como, por exemplo, uma experiência traumática de abuso sexual, sofrida por algum de seus alunos. Para um estagiário pode ser tão doloroso e angustiante acompanhar e investigar este caso que algumas vezes exige um procedimento jurídico, com denúncia formalizada ao Conselho Tutelar e ao Juiz da vara da Infância, e com isto o seu corpo pode responder a um processo de só matização e então passar a evidenciar problemas de saúde, como febre constante devido ao intenso estresse emocional que a situação desencadeou. Qual professor em formação gostaria de vivenciar essa experiência? Sobre essa questão, assinala Silva (2012, p. 10-11):

A atividade docente é estressante e a precariedade do sistema de ensino brasileiro, em especial, o ensino público é mais um agravante para a saúde emocional do professor, onde a baixa ou nenhuma condição econômica dos alunos, reflexo da péssima distribuição de renda no país, atreladas a problemas sociais como: a violência na escola e outros, causam desgastes, frustrações, angústias, e auto-cobrança do professor, já que está diretamente

ligado a esta situação no seu cotidiano de sala de aula, pois se encontra em contato constante com essa clientela de alunos possuidores de grandes problemas sociais e desgastes emocionais bastante relevantes.

Diversos fatores podem implicar na saúde emocional do professor e conseqüentemente converter em enfermidades físicas. Portanto, é de grande valia que o professor fique atento às condições emocionais e tenha a habilidade de administrá-las para que não gere um grave problema patológico.

As tristes realidades presentes nas escolas, com as quais estamos propensos a lidar fazem com que o professor conviva com conflitos emocionais que se não forem resolvidos podem comprometer a sua saúde. Essa configuração exige que o professor já não tem apenas de se preparar com fundamentos teóricos e metodologias, mas também emocionalmente. Tange assim ao professor a competência de desenvolver a inteligência emocional, isto é, obter a capacidade de perceber e identificar suas próprias emoções e as dos outros, tais como: a tristeza, a alegria, o amor, o medo e a raiva, e assim desenvolver a capacidade de autocontrole emocional. Sendo assim, Silva (2012, p.9) afirma:

Dessa forma torna-se necessário a educação emocional, que consiste na compreensão das emoções individuais, na percepção dos fatores motivacionais e na análise de como foram adquiridas. Trata-se portanto de uma nova visão educacional que tem como objetivo conhecer o mundo das emoções a fim de proporcionar o bem-estar e conseqüentemente a melhoria de qualidade de vidas das pessoas.

Essa condição na qual o professor em formação se encontra suscita que ele obtenha uma educação emocional que contribua para o seu bem-estar para permanecer no exercício profissional de forma saudável.

Em um período de se multiplicar saberes, independente da escolha pela permanência ou renúncia à docência, o fato de ter como suporte um professor que a princípio é observado de acordo com a dinâmica conduzida pelo educador observador, é possível, para o estagiário, estabelecer a sua própria ação pedagógica, respeitando-se a experiência desse educador.

Para Perez (2012), a função do docente mais experiente é trabalhar junto com o professor em formação, é neste momento que a responsabilidade de iniciativa desenvolve-se, propiciando ao futuro docente manifestar a sua reflexão e atitudes de determinação.

Nessa construção de identidade docente, especificamente nas séries primárias, na qual para muitos estagiários ser professor já soa como ser “sofressor”, se torna mais eminente o sacrifício e o sofrimento devido a longa jornada de trabalho e baixo salário. Segundo Pimenta e Anastasion (2014): “Entretanto, o título de professor, sozinho, sugere uma identidade

menor, pois socialmente parece se referir aos professores secundários e primários”. (PIMENTA, ANASTASION, 2012, p. 35)

1.1. CONSTRUÇÃO DE COMPETÊNCIAS E SABERES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Ao pensar sobre o estágio supervisionado como um momento decisivo na formação do pedagogo surgiu a seguinte provocação, é possível ser um bom professor sem pensar no Estágio Supervisionado como um momento de relevância impar na construção de saberes? O estágio supervisionado é um momento que exige uma postura do professor em formação no âmbito do trabalho docente, formando conceitos sobre valores, ética e competência, baseado na observação e na reorganização e reflexão de suas ações. Essa prática de reformulação deve perdurar de forma contínua durante a jornada da profissão docente. Neste enfoque, Kulcucar (2013, p.58) afirma:

O estágio supervisionado deve ser considerado um instrumento fundamental no processo de formação do professor. Poderá auxiliar o aluno a compreender e enfrentar o mundo do trabalho e contribuir para a formação de sua consciência política e social, unindo a teoria à prática.

É uma utopia achar que o estagiário consegue transformar a escola em apenas um mês de intervenção que lhe é estabelecido. Não iremos negar que ele pode fazer diferença, porém, as adversidades são muitas, temos que respeitar a rotina da sala de aula, seguir alguns conselhos recebidos ou métodos vistos na observação em salas de aula que servirão como modelo, obedecer a uma hierarquia constituída na escola. Muitas vezes, os estagiários se decepcionam porque criam expectativas sobre a escola que não será possível realizá-las na prática diante no contexto escolar na qual foi inserido.

(...) além disso, a atuação crítica do profissional da Educação exige que se adaptem às necessidades da clientela, as orientações vindas do sistema escolar que reduzem muito a liberdade do professor no processo decisório de sua atuação. (KULCUSAR, 2013, p.58)

O trabalho coletivo pode limitar o professor, pois ele tem de lidar e envolver todos os componentes da escola e pensar de maneira rudimentar numa perspectiva didática pedagógica.

A respeito desses pontos em comum a todos os profissionais da educação, ainda na formação do pedagogo, a graduação em pedagogia promove a possibilidade de planejar, organizar, pesquisar e ensinar, sendo a função central do profissional pedagogo a docência na educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Porém, pode praticar outras atividades relacionadas à educação, tais como: coordenação pedagógica, gestão escolar, programas educativos para mídias virtuais televisivas, elaboração de materiais didáticos e acompanhamento pedagógico, entre outras atividades no âmbito da escola ou fora dela. Sabendo-se que para atuar em qualquer área é necessária preparação, e o ideal é pensar no campo de atuação quando ainda se está na graduação. Pimenta e Lima (2004, p. 55) afirmam:

Os lugares das práticas educativas, as escolas e outras instâncias existentes num tempo e num espaço, são campo de atuação de professores (os já formados e os que estão em formação). O conhecimento e a interpretação dessa realidade existente serão o ponto de partida dos que estão em formação, uma vez que se trata de possibilitar aos futuros professores as condições e os saberes necessários para sua atuação profissional.

Na contemporaneidade a pedagogia é considerada um campo que estuda a educação. Libâneo (1994) atribui que a pedagogia como ciência busca desencadear os meios adequados para a constituição do sujeito como cidadão conhecedor de seus direitos e deveres no meio social. Compreende-se assim que para o desenvolvimento da ação educativa se dar na articulação de experiências e conhecimentos do cotidiano, compete à Pedagogia dispor de orientação para possibilitar as cabíveis funções sociais e políticas do cidadão, oferecendo condições metodológicas para que de fato a prática da cidadania venha a ser viabilizada. Desse modo, o pedagogo tem a oportunidade de fornecer instruções para um ensino significativo e efetivo, ocupando assim um patamar crucial na elaboração de ideias e na construção da personalidade do homem.

Falando sobre os meios pelos quais a Pedagogia deve estabelecer condições que facilitem a construção do conhecimento, Boulos diz:

A pedagogia escolar no seu entender está ligada ao saber sistematizado, o saber metódico, e cabe a escola organizar as formas e os processos adequados para possibilitar às novas gerações o acesso ao saber sistematizado. (...) Entretanto sua existência coloca para a pedagogia o problema de como torna-la assimilável pelas novas gerações que participam de sua produção como agentes sociais. (BOULOS, 2012, p. 88)

Dessa forma, os subsídios utilizados no contexto educacional são patente a uma constante reformulação e uma formação inacabada que estão sempre em aperfeiçoamento e melhoria das práxis.

Entretanto, a formação do pedagogo ainda deixa muito a desejar no tocante à educação infantil, visto que a didática pedagógica geralmente está associada aos planos de ensino que ressaltam o que Boulos (2012) vai chamar de “escolas de modelitos”, tais como: festas, decorações, coelhos da páscoa, máscaras para carnaval, flores feitas de papel crepom, um saci para a semana do folclore e atividades fotocópias. Surgem daí os seguintes questionamentos: E a sistematização do ensino? A pedagogia está atrelada somente à confecção de materiais didáticos e ornamentação nas festividades escolares? Na verdade compete ao pedagogo um papel muito além da produção de cartazes e belas decorações, pois a ludicidade é de fato uma estratégia instigante e atrativa para o aluno, desde que seja sistematizado, caso contrário, será apenas mais um “modelito”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares da Educação infantil, o professor da educação infantil deve ter uma preparação significativa que proporciona uma acentuada capacidade de ministrar suas aulas a partir do suporte teórico e metodológico decorrente da sensibilidade, da compreensão e da comunicação verbal e não verbal da criança que está na fase de adaptação a uma nova configuração de socialização proporcionada pela escola e, junto dela, o grupo de pares (amigos) e professor. Segundo tais Parâmetros:

A intensão de aliar uma concepção de criança à qualidade dos serviços educacionais a ela oferecidos implica atribuir um papel específico à pedagogia desenvolvida nas instituições pelos profissionais da educação infantil. Captar necessidade de bebês antes que consigam falar, observar sua emoções e iniciativas, interpretar desejos e motivações são habilidades que professores da Educação infantil precisam desenvolver, ao lado do estudo das diferentes áreas de conhecimento que incidem sobre essa faixa etária a fim de subsidiar de forma consistente as decisões sobre as atividades desenvolvidas, o formato de organização do espaço, do tempo, dos materiais e dos agrupamentos de crianças (BRASIL, 2006, p. 15)

Por essa ótica os profissionais da educação infantil tenderão a perceber a linguagem corporal das crianças durante a convivência e a construção de vínculos que ambos estabelecerem, assim como a adequação do próprio espaço em sala de aula que se enquadre melhor para a circulação das crianças, sendo priorizado e de merecida atenção os instrumentos utilizados como recursos em sala de aula para trabalhar a coordenação motora. Esse é um legado de grande valia para a categoria que tanto almeja e luta pelo seu espaço na

sociedade, pois a LDB (BRASIL, 1996) assegura ao pedagogo que atualmente nenhum outro profissional pertencente a outra área de formação pode trabalhar na educação infantil.

É necessário que ao pensar sobre a prática docente já se tenha em mente como realizá-la e se é viável ou não para o nível da turma de alunos. Assim, de acordo com as habilidades desses, o professor irá perceber se é possível ministrar determinado conteúdo, procedimento metodológico ou estratégia didática. Por exemplo: na educação infantil as crianças apresentam grande atenção e concentração nas histórias contadas em sala de aula, para perceber isso, o profissional precisa ter a sensibilidade afetiva e principalmente saberes pedagógicos para inserir as histórias como conto de fadas, valores morais, boas maneiras entre outros. Essa experiência pode ser realizada de forma criativa com fantoches, encenação, entonação nas vozes dos personagens, movimentos corporais etc.

É necessário que ao longo e após a graduação o pedagogo atue de forma efetiva na busca de competências e habilidades que tornem o seu ofício de qualidade, pois a clientela que a escola atende vai se modificando, influenciado pela tecnologia, mídia e sociedade, assim as crianças levantam questionamentos surpreendentes e que muitas vezes não disponibilizamos de resposta adequada no momento, isso quando o professor definitivamente não obtém conhecimento sobre o assunto. De acordo com as ideias de Paulo Freire (2014) o professor pode refletir sobre a função social de conduzir o aluno para o saber, não considerando o educando um mero ser passivo de conhecimento. Ao educador, desde a sua formação, compete assumir o papel de sujeito na produção de saber e que se convença que ensinar não é transferir conhecimento, e sim criar caminhos para a sua produção e construção do conhecimento.

A formação docente inicia-se na graduação do sujeito, nesse momento, o profissional em formação deverá dispor de alguns conceitos cruciais que norteiam o seu papel pedagógico em sala de aula. Dessa maneira, tendo em vista que a prática e a teoria andam juntas no ofício de ensinar, compete ao professor o desafio de dinamizar e mediar a aprendizagem, e assim propor métodos que atraiam e instiguem a curiosidade do aluno. É uma ação própria de um educador progressista, pois estará negando a educação bancária e autoritária, conforme convida o aluno a aprender juntos, a construir saberes e a fortalecer o que já é sabido por ele.

1.2. A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PRÉ-REQUISITO PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Os problemas sociais se refletem na escola, e assim fica claramente nítida a impossibilidade da escola solucionar todos os problemas produzidos pela sociedade. Essas situações ainda coagem e limitam a função social do professor ou diretor, pois muitas diante desses problemas ficam amedrontados e ameaçados sem convicções para fazer o que consideram como correto, e o educador se torna mais uma vítima junto aos alunos, sendo a autonomia do professor comprometida ao passo que ele não sabe ao certo como agir corretamente.

A respeito dos fatores sociais que interferem na escola, Charlot (2013, p. 95) afirma: “As contradições relativas à escola são contradições sociais a respeito da escola e não contradições dentro da escola”. Sem sombra de dúvida encontramos no discurso de Charlot a contradição que ocorre no que a escola prega e ensina, bem como há controvérsia sobre o que a sociedade em que as crianças estão inseridas acreditam e praticam, sendo que podem se opor aos preceitos da escola de formar um cidadão crítico e ético voltado para o trabalho. O aluno passa mais tempo do seu dia fora da escola do que dentro desta, tornando-a incapaz de ser o único ou principal responsável pelo fracasso ou sucesso do aluno.

Essa responsabilidade atribuída à escola é algo tão arraigado que os estagiários também já entram na escola se cobrando e pretendendo atingir objetivos com aulas planejadas que muitas vezes não atendem ou não se adequam à escola, ou ao nível de escolaridade das crianças, exigindo mais dos pais ou discutindo com a diretora e criticando a professora supervisora. A situação é bem mais densa e complicada, pois de um lado há os estagiários visando trazer inovações a qualquer custo, de outro, os professores veteranos que algumas vezes estão superados e desacreditados da educação, ambos se encontram frente ao mesmo problema, a prática educativa, que nunca vem sozinha, mas acompanhada das cobranças e condições socioeconômicas da família dos alunos e das demandas da sociedade.

A iniquidade social que a escola enfrenta e que o professor em formação se depara inclui a violência, falta de materiais didáticos, pobreza e o contato direto com uma camada social economicamente desfavorecida, fazendo com que perceba que a escola se forma pelo corpo docente e não docente e não apenas com uma ação ou metodologia inovadora que um professor leva à sala de aula.

Pimenta e Lima (2004, p.89) asseveram que:

A formação inicial por melhor que seja, não dá conta de colocar o professor á altura de responde, por meio de seu trabalho, ás novas necessidades que lhe são exigidas para melhorar a qualidade social da escolarização.

O trabalho educativo é realizado de forma coletiva, e não individual, pensando em uma visão ampla e generalizada da escola como uma unidade, que como qualquer outra instituição, depende de seus membros para ocorrer um bom funcionamento. E na escola são necessários profissionais bem qualificados que trabalhem para cumprir objetivos de forma coletiva.

Apesar de todos os empasses e desafios, há esperança de que o professor em formação diga para si mesmo que quer ser docente. Daí já não consta escolher ser professor apenas como um mero acaso ou como a única opção restante para se ter uma profissão, mas parte-se de uma escolha que não deve corresponder somente ao amor pelo exercício de ensinar, pois somente o amor pode não suprir todas as necessidades que o ser humano apresenta, e nem mesmo possibilita atingir a autorealização profissional plena que o indivíduo almeja, tendo boas condições de trabalho, tais como: uma justa jornada de trabalho, boa remuneração, um ambiente físico adequado.

Em decorrência das novas configurações que a educação contemporânea se encontra, a convicção de querer ser um(a) professor (a) constitui-se algo surpreendente e curioso que gera muitos questionamentos e dúvidas nas outras pessoas, devido às condições de trabalho do profissional docente, na maioria das vezes, serem precárias, coloca-se em destaque e de modo preponderante apenas os fatores negativos que existem na docência, mas que também existem em quase todas as profissões.

É comum atribuir ao profissional docente uma imagem idealizada de pessoa-profissional exemplar na sociedade que está ligada à honestidade, conceitos morais e éticos, justiça, além das habilidades e técnicas educativas, saberes didáticos e um conhecimento geral sobre todas as disciplinas do Ensino Fundamental. Assim, é esperado que os professores acompanhem as notícias do mundo, mantendo-se sempre atualizado por se tratar do profissional portador dos conhecimentos. Todavia, o docente assume papéis que não lhe dizem respeito, como: “tias”, pais, psicólogos e conselheiros, o que resulta em um acúmulo de responsabilidades que a sociedade atribui ao professor.

O professor, a princípio, busca corresponder às expectativas da comunidade, mas com o passar do tempo é dominado por um cansaço emocional e físico exorbitante por ceder às exigências que lhes são impostas pela sociedade. Em alguns momentos é necessário que o professor ofereça um suporte psicológico e afetivo aos alunos, mas, não cabe a ele ser um

“super professor”, um multiprofissional, mas sim um bom professor, bem formado e competente que busca meios para que seus alunos aprendam o que é pretendido ensinar. Como Salienta Charlot:

O professor herói é o Eu Ideal coletivo que possibilita às professoras aguentarem o seu trabalho cotidiano. Do lado da Instituição de formação, ele é prova de que “isso é possível”, que quem quer mesmo mudar pode. Desse ponto de vista, existe uma convergência implícita entre os propagadores de exemplos famosos e o discurso universitário pedagogicamente correto, apesar do desprezo explícito para com a universidade manifestada, muitas vezes, por esses propagadores. Os discursos são iguais: quem quiser, pode. O discurso é certo, mas incompleto: quem quiser, pode, contando que assuma uma postura de herói, santo ou militante. (2013, p. 104)

Observa-se que geralmente o discurso sobre o professor é baseado na meritocracia que defende a possibilidade do professor conseguir modificar toda a configuração educacional e escolar se realmente for o seu desejo, cabendo a esse se dedicar à tarefa de ensinar. Pois, acredita-se no fato de que o bom professor não tem meio termo, ele deve amar ensinar. Fica assim inconcebível pensar que exista um professor normal, nem herói e nem coitadinho, que também possa sair para se divertir, namorar ou estar com a família e ministrar aula. Essa possibilidade se torna inviável quando é considerado que o professor tem como prioridade de vida ministrar aulas ou ensinar, exercer a docência como um sacerdócio, fazendo o seu trabalho puramente por amor. Essa visão acerca da docência origina-se de um pensamento geral e simplista. Sobre esse fato, Tardif e Lessord assinalam:

De fato como em qualquer outra profissão, alguns professores fazem exata e unicamente o que é previsto pelas normas oficiais da organização escolar, ao passo que outros se engajam a fundo num trabalho que chega a tomar um tempo considerável, até mesmo invadindo sua vida particular, as noites, os fins de semana, sem falar das atividades de duração mais longa, dos cursos de aperfeiçoamento, de formação específica, atividades para escolares ou sindicais. (2009, p 113)

Há profissionais que vão de um extremo a outro, dividindo-se entre aqueles que cumprem tarefas relativas à escola no seu horário e tempo real de trabalho, e outros que fazem do seu exercício profissional na escola, em casa e na rua a sua vida, e desse modo o exercício profissional é a sua atividade de lazer, e o trabalho extraclasse preenche o seu dia.

Na relação professor-aluno existem diferentes adjetivos que se tem atribuído aos professores e que contrastam com as concepções razoáveis sobre a docência, caracterizando atribuições excepcionais para um vínculo profissional efetivo. Neste caso, o professor deve

ser um amigo bem-humorado que está constantemente atualizado, sendo um leitor assíduo, um ser confiante, sensível e respeitoso com o aluno, pois os professores na verdade só conseguem realizar um trabalho eficaz quando são aceitos por seus alunos, isso explica o fato de existirem professores que mesmo sendo capacitados não conseguem desenvolver uma boa aula ou não são considerados bons professores, enquanto outros que não são tão capacitados, são percebido pelos alunos com as qualidades necessárias para docência e dão incentivo para que os alunos se expandam: o professor bom, afinal, um professor que não é aceito pelos seus alunos é como uma criança que não é aceita pelos seus colegas.

Dessa forma, o professor deixa de ser visto como um ser humano que, da mesma forma que qualquer outro sujeito, tem uma personalidade e características que lhes são peculiares, passando a ser visto como um ser ideal e não como um sujeito real. Pontushika (2012, p. 99) afirma:

A fala dos alunos nos revela certos valores que os estudantes somente podem encontrar no ideal, mas não do real. Dá uma ideia ainda de entender a pessoa do professor não como um profissional, mas como um sacerdote. Talvez esse ideário tenha surgido do seu oposto, pois dificilmente essas qualidades levantadas existem no real. O professor não é colocado como um ser humano com suas características de personalidade, sua história de vida e também a sua maneira de ser professor.

A figura ideal atribuída a um professor foge do perfil real de uma pessoa que possui uma personalidade própria e que, portanto, a partir no momento que adentra na profissão docente, tenderá que se adequar às expectativas dos alunos para compreendê-los. Sobre este aspecto Tardif e Lessoud afirmam:

Parece-nos que o primeiro passo a ser dado para analisar o trabalho dos professores é fazer uma crítica resoluta das visões normatizantes da docência, que se interessam antes de tudo pelo que os professores deveriam ou não fazer, deixando de lado o que eles realmente são e fazem. (2009, p. 36).

Ante a profissão de professor, o indivíduo é ser humano repleto de falhas e de necessidades e carências, como qualquer outro sujeito. E os alunos não podem se adequar aos professores e adquirir ou moldar suas personalidades para facilitar a relação entre ambos? A mesma possibilidade do professor modificar algumas características suas, como inflexibilidade, imparcialidade, exigência e falta de empatia pelo aluno, o aluno também pode ser mais compreensivo e comprometido, e perceber que como qualquer outro sujeito, o

professor é falível, e que além de sua vida profissional tem também vida pessoal, particular, amorosa e familiar que refletem na sua forma de agir em determinadas situações e que muitas vezes são responsáveis por alterações de humor.

Além da relação entre professor-aluno, existem as competências advindas de conhecimento teórico e metodológico que são tão importantes quanto à boa relação. Portanto, considerando que o docente é o mediador de conhecimentos e facilitador da aprendizagem, é esperado que tenha domínio sobre o que será ensinado e não ir para sala de aula alheio a um determinado conteúdo. Logo, na condução da aula compreende pensar na sua complexidade diante das necessidades e dificuldades de aprendizagem, principalmente quando seus alunos pertencem à classe econômica desfavorecida. Para Sousa:

A atividade docente exige diversas necessidades formativas como: dominar o conhecimento a ser ensinado e saber ensiná-lo de formas diferentes; saber gerenciar uma sala de aula; compreender os condicionantes da prática que vão além das atitudes docentes; entender e saber lidar com a complexidade do cotidiano escolar; conhecer o aluno, suas necessidades de aprendizagem, seu contexto e sua família; não ficar alheio às mudanças socioeconômicas, às políticas públicas e aos avanços tecnológicos. (SOUSA, 2012, p. 183)

Esse cenário faz parte da partilha de conhecimentos entre o docente e os discentes, permitindo a inserção na cultura. O professor deverá considerar esse fator como fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois o meio exerce influência na construção de saberes. De fato, o formador terá a sua frente a possibilidade de adequar os seus ensinamentos na perspectiva de conscientizar os discentes sobre as questões sociais e insistir na construção de uma concepção coerente sobre essas.

Antunes (2007) assevera que o professor que exerce a docência com capacidade para trabalhar nessa respectiva área se alegra sempre que ver os seus alunos mais sabidos. Para esses professores a arte de ensinar torna-se gratificante quando as suas várias competências iluminam suas inteligências, isto é, a formação de professor compreende uma imensa satisfação pelo resultado do seu trabalho quando o educando passa a desenvolver aptidões, correspondendo aos anseios e objetivos do educador que exalta e reforça qualquer e todas as demonstrações de aprendizagem de um aluno que a cada descoberta se engrandece e ver-se a necessidade de compartilhar cada progresso, o tornando cada vez mais importante na sua vida como referência no tocante à educação, saberes, conhecimentos e atitudes.

Concerne ao professor realizar um trabalho eficiente e eficaz na busca de uma educação cada vez melhor, articulando sempre a teoria e a prática e possibilitando a

permanência de um diálogo entre ambos, ao mesmo tempo em que executa atividades essenciais para o exercício da docência: pesquisa, reflexão e crítica, sendo esses três componentes articulados como um sistema que colaboram para uma visão mais ampla do educador e da sua profissão (RAMALHO, 2004).

A qualificação do profissional da educação conta incontestavelmente com as políticas públicas da educação que estabelecem instruções para que o professor desenvolva um ensino efetivo, com metas e objetivos coerentes. Porém, esse cumprimento de propósitos depende, em grande parte, do poder público e das condições que são oferecidas para a aplicação de seus saberes e intensificação do conhecimento, disponibilizando especializações e oportunidades de aprimoramentos da prática.

A formação docente tem como ponto de partida o curso de graduação com os devidos estágios possibilitando ao docente em formação a aproximação com o exercício de ação-reflexão-ação, bem como as pós graduações, especializações, mestrados, doutorados e pós doutorados, esta é uma sequência que a princípio chega a um limite, porém para um bom educador, a curiosidade é um aspecto vigente em sua atuação, pelo fato de a educação ser composta por temas e problemas para os quais existirão congressos e debates para discuti-los. Nesse sentido, o professor está em constante formação.

Portando sabendo que no estágio o aluno se propõe a estabelecer uma aproximação da teoria com a prática, deverá agir conforme a partir da premissa ação-reflexão-ação. Pimenta e Lima (2004) propugnam que a ação docente é uma prática social, viabilizando uma atividade que ao mesmo tempo é prática e teórica, na medida em que intervém em uma dita realidade social através da educação convertida nas instituições de ensino que acolhem os docentes em formação.

Para tanto, todo o arcabouço teórico-prático do docente contribui para a sua construção profissional, incluindo o curso inicial de graduação em licenciatura e as demais vivências empíricas no contexto acadêmico e fora dele. Pimenta e Lima (2004) acreditam que todas essas experiências ajudam na construção da identidade docente, sendo que o estágio possibilita que o aluno esteja presente no dia a dia da escola, abrindo oportunidades para que o professor em formação se aproxime do trabalho desempenhado pelo professor já formado.

Considera-se assim que estágio faz com que ao longo da formação inicial e do exercício da profissão os professores construam seus próprios saberes através de suas vivências em sala de aula. São jeitos, condutas e culturas aprendidas no dia-a-dia tecidos no convívio de situações adversas, sob testes e experiência. O estágio pode ser o momento

pioneiro para apresentar ao estudante a dimensão das atividades pertinentes ao pensar e ao fazer na vivência profissional no campo da educação.

CAPÍTULO II

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um trabalho que busca pesquisar sobre a importância do estágio supervisionado na educação infantil para a formação do pedagogo, levando em conta os argumentos apresentados pelos estagiários sobre esse tema central. A pesquisa de campo realizada permite a aproximação do pesquisador com a realidade que ele se propôs a pesquisar e sobre a qual lançou perguntas a fim de respondê-las. Nesse sentido Deslandes [et. al.] (1994, p. 34) diz que “a pesquisa de campo além de levar o pesquisador para as respostas que o seu problema de pesquisa apresenta, ainda possibilita a interação com as pessoas que vivem essa realidade construindo assim um conhecimento empírico”.

O presente estudo, pesquisa de cunho descritivo, tem como objetivo analisar as concepções dos graduandos de pedagogia do CFP/UFCG sobre o estágio supervisionado na formação do professor da educação infantil e utiliza de uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados foi realizada entrevista com uma amostra de 6 (seis) estudantes do último período do curso de pedagogia da UFCG, Campus Cajazeiras, com intuito de conhecer as suas percepções acerca dessa experiência e ao vivenciar o que o estágio oferece falará sobre a sua contribuição na função docente. Os critérios de escolha para os participantes foi que esses estivessem no último período e apresentassem disponibilidade para participar da pesquisa. Para concretizar a pesquisa, fiz um convite no grupo do Whatsapp da turma, então as seis pessoas se manifestaram, e em seguida articulamos e combinamos os dias e horários para realizar a entrevista, tendo em vista que essa deveria ser efetivada no CFP/UFCG.

Adotamos a modalidade de entrevista semiestruturada, coletando-se inicialmente os dados demográficos dos entrevistados e em seguida, a partir de roteiro de questões, colocamos para cada entrevistado as seguintes seis questões: 1- Para você, o que o estágio supervisionado significou? 2- Quais as suas expectativas sobre a profissão docente após o estágio? 3- O estágio supervisionado lhe motivou ou desestimulou a escolher a profissão docente? 4- Você acha que existe uma interação das demais disciplinas do curso para o estágio? 5- Como você percebe a relação teoria e prática na vivência do estágio? 6- Em sua

opinião a Universidade oferece condições adequadas para essa prática? Como se tratou de entrevista semiestruturada, as respostas a essas questões suscitaram outras questões.

Sobre a entrevista semiestruturada Richardson (1985, p. 161) assinala:

A entrevista não estruturada, também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder á pergunta através de diversas alterações pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera, os aspectos mais relevantes de determinados problemas; as suas descrições de um situação em estudo. Através de uma conversação guiada, pretende-se obter formações de detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa. A entrevista não estruturada procura saber que, como e por que algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências, nas quais o pesquisador acredita.

A fim de estabelecer um diálogo com maior riqueza de detalhes sobre a temática do trabalho, acredito que a entrevista semiestruturada seria o instrumento que mais se adequaria ao que pretendia discutir com os graduandos.

A entrevista foi gravada por meio de gravador de áudio e foi transcrita, sendo analisada através da análise de conteúdo para interpretar os textos elaborados na fala dos graduandos. Conforme Richardson, interpretando a sugestão de Bardin, diz: “A leitura do analista de conteúdo, segundo Bardin, não é apenas uma leitura ao “pé da letra”, mas um trabalho a nível mais aprofundado. Trata-se de obter significados de natureza psicológica, histórica, sociológico”. (RICHARDSON, 1985, p. 177).

Após a coleta de dados fizemos as análises à luz das postulações elaboradas pelos teóricos que adotamos, levando em conta a relação, confirmação ou contradição que os indivíduos entrevistados apresentaram em suas falas.

CAPÍTULO III

1. ANÁLISE DE DADOS

Para realizarmos as análises que compõem este tópico, os dados coletados foram processados a partir de técnicas de análise de conteúdo, conforme o pensamento de Laurence Bardin (1977, Apud Richardson, 1985). Assim, procedemos a uma leitura vertical e horizontal dos dados visando à produção de análises temática e de enunciação. De certo modo, os temas suscitados a partir da análise temática guardam coerência com as perguntas que nortearam as entrevistas no processo de coleta de dados. Assim sendo, as falas dos sujeitos entrevistados ancoram cinco temas que dão organicidade a este tópico de análises, a saber: o primeiro tema refere-se à importância do estágio supervisionado na educação infantil, considerando-se que os entrevistados, mesmo assinalando a importância do estágio, assinalaram neste tema questões suscitadas na sua vivência, assim, percebemos que além da importância, o estágio carrega também as suas complexidades; o segundo diz respeito às concepções e expectativas sobre a profissão docente; o terceiro tema se assenta na discutida e problemática relação entre teoria e prática, pois o estágio se configura como tempo/espaço de associação e confronto dessas duas dimensões da docência; e o quarto e último diz respeito à universidade, currículo e condições de estágio.

1.1. A IMPORTÂNCIA E COMPLEXIDADE DO ESTÁGIO

As primeiras respostas dos entrevistados se referem à importância do estágio na sua formação. Em sua unanimidade, os entrevistados afirmaram essa importância atribuindo positividade ao estágio ao adjetivá-lo como “muito relevante”, “uma experiência impar”, “muito significativo”. Assim, quando perguntamos sobre o significado que o estágio supervisionado na Educação infantil representou, foi predominante a concepção dos estudantes de que o estágio é um momento importante, porém, além de importante, é também complexo, principalmente para quem ainda não exerce a profissão e tem no estágio o primeiro contato com a experiência de estar numa sala de aula na condição de professor. O estágio, neste caso, se configura também como um desafio, como um tempo de questionamentos, e pode mesmo se converter em algo assustador. É o que afirmou a estudante “E”:

O primeiro foi muito importante¹, porque era a minha primeira experiência na sala de aula então eu não tinha noção do que seria estar em sala de aula, por que trabalho o dia inteiro em uma fábrica, ai foi um pouco assustador. Ele me fez questionar várias coisas, como se eu queria ser professora, por que tem situação em sala de aula, que acontece e você não está preparada, esse tipo de coisa, ele foi fundamental, então eu não sei se poderia ser em tempo maior, mas talvez mais estágios.

Na fala colocada acima pela estudante “E” percebe-se como é comum que o estágio supervisionado ancore dúvidas e questionamentos, pois provoca o professor em formação a pensar de modo mais efetivo no seu futuro profissional e na especificidade da profissão. É um forte impacto para quem ainda não exerce a profissão, pois é tudo muito novo e diferente, o que desperta o indivíduo a pensar acerca da ação docente no sentido de fazer algo diante de crianças que dependem do que ele propõe pode gerar insegurança. Pimenta e Lima ao analisarem a vivência do estágio para quem ainda não tem experiência docente, fazem a seguinte afirmação, confirmada pelo que disse o estudante E:

[...] aqueles que não são professores interpelam com outras questões: “Como vou dar aula se não tenho prática?” O que fazer para ficar bem preparado para a sala de aula? Esse curso vai mesmo me ensinar a ensinar? Em que horário vou fazer estágio, se trabalho o dia todo?”[...] Como componente curricular, o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas é possível, nesse espaço, professores, alunos, e comunidade escolar euniversidade trabalharem questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade dos professores nessas escolas, entre outras. (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 99-100)

Assim, os questionamentos que as autoras evidenciam e em seguida os respondem representam o que a maioria dos professores em formação pergunta a si mesmo. Dessa forma, a profissão docente é construída em um processo contínuo e o estágio representa uma oportunidade de aprendizagem e de questionamentos. A estudante “B” afirma que é necessário o domínio de outras disciplinas para a realização do estágio:

Sem nenhum sombra de dúvida foi uma experiência muito significativa, foi com que fez que eu conhecesse a realidade da escola pública, deu um norte pra lidar com os professores que tem experiência e principalmente fazer com que eu reflita e analise se é o que eu quero pra mim futuramente seguir a profissão, e se é essa área e eu vi a responsabilidade de ser educador, não é fácil, tem que tá realmente por dentro do assunto, sem contar que você tem que tá por dentro de várias áreas do conhecimento com sentimentos,

¹ O estágio supervisionado é dividido em dois momentos, o primeiro é na Educação infantil, enquanto o segundo é nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

emoções, eu vi que a psicologia é fundamental, você conhecer até onde pode ir, tolerar crianças e adultos e se auto tolerar, que não é fácil, é um período muito estressante, você tem que pegar os conhecimentos da academia, estudar também, porque muitas vezes a gente vai voltar a estudar certas disciplinas, dar conta do conteúdo pra não dar de todo jeito, então foi um momento muito delicado, e também estressante, mas que no final valeu muito a pena, com certeza foi gratificante, que valeu apenas todo esforço.

A estudante fala sobre o estágio, bem como seus pontos positivos e negativos, mas que a importância do estágio supera os desafios que são encontrados durante o semestre, que afeta o estado emocional do indivíduo, ocasionando estresse. Outra resposta suscitada sobre o estágio é que ele além de ser algo novo, é também diferente do que é visto na Universidade. A seguinte resposta ilustra esse fato:

A primeiro momento o estágio supervisionado na educação infantil foi de suma importância, não que eu não sabia o que tinha lá, mas com o conhecimento teórico que a gente tem aqui na faculdade é bom, mas a prática é muito diferente da teoria. Então, vivenciar um mundo novo o qual a gente vai se deparar quando sair da graduação é muito importante, foi muito bom e muito relevante enquanto aluno, graduando. (Entrevistado A.)

O estudante percebe o estágio como um outro universo, que se remete ao futuro que antecipado na Universidade e que transcende na escola. Mas, neste, a prática e teoria parecem ser antagônicas. Assim mesmo, defende o estágio e a teoria que o embasa.

1.2. CONCEPÇÕES E EXPECTATIVAS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE

Quanto às expectativas e concepções sobre a profissão docente os estudantes revelam o que pretendem fazer após a conclusão do Ensino superior e para a carreira docente, dessa forma são frequentes as seguintes expressões: “muito difícil”, “muito estressante”, “fazer uma especialização, mestrado”, “motivou”, “desestimulou”, “quero aprender junto aos meus alunos”, “tive medo”. O fato de estar em sala de aula já pode gerar expectativas para o futuro profissional, nesse contexto o Estudante “A” respondeu:

Nem tanto após o estágio, o estágio foi de grande valia pra mim, mas o que eu desejo é prolongar os meus estudos com uma especialização e prosseguir num mestrado futuro. No entanto trabalhar na educação infantil é um campo que eu me identifico muito e o estágio me fez provar isso, deixou isso mais forte ainda, o quanto é bom e prazeroso trabalhar com criança.

Apesar da relevância do estágio supervisionado na Educação Infantil, não é nesse campo que o estudante A almeja trabalhar, uma vez que ele pretende iniciar uma pós-graduação, dessa forma infere-se que ele deseja lecionar no Ensino Superior, pois ele esclarece que o estágio foi bom e que gostou do público que ele atendeu, porém não afirma uma possível possibilidade de trabalho nesse nível da educação. É certo que a universidade incentiva a produção científica e os projetos de extensão abram essas perspectivas de atuação no Ensino superior como uma alternativa. Já pensando na prática docente na Escola básica a estudante “D” disse:

Minha expectativa diante da experiência que a gente tem, a gente imagina em futuramente está na sala de aula e fazer mais pelos alunos, ter um acompanhamento diário porque o estágio é um prazo curto, então as expectativas são que a gente possa fazer mais, com certeza pretendo fazer uma especialização, mestrado, e ai vai surgindo as oportunidades.

A estudante não quer somente aprimorar os seus conhecimentos ou saberes, mas, quer primeiramente estar na sala de aula com crianças, visto que a pós-graduação é uma forma de atualizar e solidificar seus conhecimentos por considerar relevante a formação continuada em prol de aprimoramento profissional. Sobre a relevância da formação continuada para a docência Pimenta e Lima (2004. p.141) nos diz:

A formação contínua, realimentada por uma teoria que ilumine a prática e uma prática que ressignifique a teoria, construiria uma grande ciranda, em cujo passo e compasso poderíamos descobrir a aventura de sermos sempre estagiários, porque contínuo é o homem, e não o curso.

De um lado há alunos que enaltecem e asseveram a sua tendência e gosto pela docência na educação básica, já outros não têm tanta certeza se querem trabalhar aonde o curso de Pedagogia proporciona, pois as habilitações oferecidas pelo curso na Universidade Federal de Campina Grande e especificamente no Campus de Cajazeiras é a de professor da Educação Infantil, professor dos anos Iniciais do Ensino Fundamental e gestão escolar, apesar de não ter estágio nessa última.

Já existem outros alunos que escolhem uma área de atuação que não faz parte das habilitações do Curso de Pedagogia da UFCG, mas tem a oportunidade de conhecer outros possíveis campos de trabalho do pedagogo em Projetos de Extensões, como por exemplo, a pedagogia hospitalar, que envolve prioritariamente o apoio emocional e humanizado para o paciente e seus familiares. A Estudante “C” relata:

A docência em sala de aula não sei se esse é o caminho que eu quero seguir, mas exercer a docência dentro de um hospital, sim. Que pra mim é muito

relevante, um trabalho belíssimo. No projeto do PROBESC, foi depois do estágio no oitavo período eu tive essa experiência muito relevante, e agora no nono período nós vamos dar continuidade a gente dar um apoio as famílias, você vai lá conversa, brinca, é mais um apoio mesmo, a gente interage diretamente para a crianças, e ajuda, pergunta o que ela já sabe.

A aluna deixa claro que apesar de o estágio ser relevante, deixou dúvidas sobre a profissão docente nas escolas, porém a partir do momento que ela se engaja em um projeto de extensão que a aproxima de outra realidade e leva a conhecer o ambiente hospitalar e a desperta para a pedagogia hospitalar, depois de ter percorrido mais da metade do curso de Pedagogia encontrou a área de maior afinidade e que, por vez, não se referindo à educação escolar e se direcionando à educação na saúde. Enquanto outras estudantes se identificam com a docência na Educação Infantil, visto que essa preferência não surgiu somente após o estágio, mas a partir de outras disciplinas, como as metodologias e as disciplinas Cultura e Diversidade e Didática. Nesse sentido fala a estudante “F”:

Inicialmente eu não me identificava para a docência, depois de algumas disciplinas como estágio e metodologias da Educação infantil foi que eu me identifiquei melhor e também na disciplina de Cultura e diversidade e Didática, foram três disciplinas que me deram um norte maior, e depois disso o PIBID que me estimularam mesmo a carreira docente, e estágio I na educação infantil eu amei muito mesmo, me identifiquei demais com Educação Infantil, já no Ensino Fundamental não me identifiquei de jeito nenhum, é interessante você ver o olhar deles. E se eu conseguir seguir a carreira na Educação Infantil eu ficaria, mas no Ensino Fundamental não, porque não me identifiquei.

Segundo a fala da estudante “F”, o estágio também permitiu que a professora em formação se determinasse a não optar pela docência no Ensino Fundamental I, que comporta alunos do primeiro ao quinto ano devido à incompatibilidade de identificação e os problemas que ocorreram na sala de aula que ela estagiou e que foi uma vivência negativa, comparado com a Educação Infantil. Algumas disciplinas específicas a impulsionaram a gostar da profissão docente e a se ver como tal, porém O Pibid (Programa Institucional de Iniciação à Docência) ajudou a definir a sua escolha pela profissão docente. Em especial o Pibid veio como mola propulsora para que a estudante reafirmasse suas perspectivas em torno da profissão docente, uma vez que o Pibid permite que o bolsista permaneça um tempo maior na escola e oportuniza um contato mais intenso entre o professor em formação e a escola. Matsuoka e Signorelli (2013, p 147) descrevem o PIBID da seguinte forma:

O Pibid é uma das iniciativas das políticas de formação inicial dos professores, criado pelo decreto nº 7.219/2010 e regulamentado pela Portaria

096/2013, que visa à valorização do magistério ao incentivar a formação de docentes para educação básica por meio da inserção dos licenciandos no cotidiano escolar.

O Pibid se propõe a contribuir para a formação da identidade docente, além de possibilitar a articulação entre a escola e a universidade, o professor em formação tem a possibilidade de concatenar em tempo real os saberes ensinados na universidade com os saberes aprendidos na escola, aproximando dois espaços diferentes em um momento. Ao se tratar da desmotivação ou motivação da escolha da profissão docente em decorrência do estágio, o estudante “A” assinala:

Estimulou em parte, e me deixou um pouco longe porque a gente passa por muitas dificuldades enquanto professores, principalmente pela ausência dos pais, pela precariedade dos governantes com a educação, no entanto ao meu ver, a educação pode propiciar uma mudança ao mundo, tornar a nossa sociedade melhor e nisso é o que eu almejo e nisso ser um profissional cada vez mais, com conhecimento mais cabível para atuar nessa área.

Para este estudante, ser professor é lidar com dificuldades diariamente e tais dificuldades são superadas por que a esperança por um futuro melhor se sobrepõe aos pontos negativos da profissão, tendo em vista que a educação é a chave de mudança na sociedade, na perspectiva de que a educação imprescindivelmente muda os homens e é isso que faz sentido ser professor. Já para outros estudantes o estágio foi um momento de completa motivação e que proporcionou ao estudante perceber a necessidade e a importância que um professor representa para a criança no processo de aprendizagem, como afirmaa estudante “D”:

Com certeza motivou, porque a gente se depara com a situação daquelas crianças, daqueles alunos, é como se eles precisassem da gente, como se a gente visse no olhar, é como se fosse mãe e filho, assim, eu poderia está aqui e fazer pelos alunos, então isso motiva a gente procurar mais, estudar mais para solucionar ou ajudar pelo menos um pouquinho.

Percebe-se a necessidade de ajuda ou de dependência da criança pelo adulto, pois existem atividades escolares que exigem o auxílio e ajuda do adulto para que seja possível concluí-la, por isso é estabelecida essa aproximação da relação professor-aluno e a relação de mãe e filho. Nesse contexto, sobre a relação de professor e aluno comprada a de mãe e filho, infere-se a necessidade de afeto e sensibilidade do docente frente aos alunos Pimenta e Anastasiou destacam o conhecimento a partir de teorias, e também o conhecimento a partir da sensibilidade:

Ao acentuar a importância do conhecimento nas instituições educativas, é preciso afirmar as diferentes formas pelas quais o ser humano conhece: conhecemos com teoria, com o conhecimento elaborado, com a nossa experiência. Mas, também conhecemos por intermédio das emoções, do olhar instrumental, da sensibilidade, da cognição, e do afeto. Conhecer é algo que mobiliza o ser humano por inteiro. (2014, p. 79)

Dessa forma, os docentes tendem a ter um conhecimento amplo sobre o processo educacional que vai além da sistematização de conteúdos e técnicas, demonstrando o acolhimento e aceitação do aluno se eximindo de qualquer preconceito para estabelecer uma relação afetiva com o aluno, acompanhada da sensibilidade de perceber o outro e seus mais diversos estados emocionais. A estudante “E” fala sobre a decepção que ocorreu durante o estágio, por idealizar a escola de uma forma e na realidade ser outra, comenta:

Desestimulou. Infelizmente, porque assim, não vou dizer nem desestimulou, mas um meio termo por que ele deixou você de cara com o que vai viver, e o medo disse talvez foi o que tenha me desestimulado, entende?! Por que você imaginar é uma coisa, pensa: você sonhou com uma coisa, e quando você vai pra prática é tudo diferente do que você imaginou. O estágio foi o contrário do que eu acreditava, não do que eu via, do que eu imaginava que poderia ser, eu fiquei desmotivada depois do estágio. Eu fui com gás e voltei com menos gás, deveria ser o contrário.

A estudante lamenta pela experiência desmotivadora, que gerou insegurança, incerteza e frustração. Haja vista que ela se sentiu impotente, e esse fato resultou em cansaço e desesperança, reduzindo a vontade de permanecer na docência. Em relação à ausência de expectativa em torno da profissão docente, segundo Pimenta e Anastasiou (2014, p.90):

Ouvir as expectativas e mesmo a ausência delas, conhecer as representações sobre a didática, profissão docente... Eu quero ser professor? Ser professor é ensinar? Ensinar o quê? O conhecimento na qual somos especialistas. Somos? E para que servem o conhecimento? Com esses procedimentos iniciais, é possível ir tecendo a trama do percurso formativo de professores.

É comum que os professores em formação se questionem sobre a profissão que possivelmente exercerão futuramente, isso quando não descartam por completo a possibilidade de ministrar aulas por não se identificar e achar impossível desenvolver as habilidades necessárias para desenvolver uma aula com êxito.

1.3.UNIVERSIDADE, CURRÍCULO E CONDIÇÕES DE ESTÁGIO

É pertinente e natural que o professor em formação reflita em torno da profissão e perceba a grande dimensão e complexidade da docência. Neste tópico estão apresentadas as respostas dos estudantes quando foram indagados sobre as duas respectivas perguntas: “Na sua opinião a Universidade oferece condições adequadas para essa prática?”, “Você acha que existe uma interação das demais disciplinas do curso para o estágio?” A resposta da Estudante “B” retrata a sua concepção sobre Universidade, Currículo e Condições de Estágio através da sua experiência na qual existiram peculiaridades e grandes desafios foram superados para concluir o momento do estágio. A resposta abaixo ilustra:

Se for levar para a questão de conhecimento sim, a gente vai ter uma grande bagagem, muitas vezes é que como o primeiro estágio é logo no início do curso, a gente ainda tá despertando, depois do estágio a gente vai ver a relevância das disciplinas, mas o que falta mais, a questão do material, a universidade não vai arcar com isso, e fica muito sobrecarregado, porque são várias disciplinas que a gente tem que dar de conta e vem a questão do próprio estágio, então é um período muito desgastante fisicamente, psicologicamente é e foi um dos períodos mais tensos que eu já encontrei porque você tem que conciliar, aí você tem que conciliar a universidade, o estágio que é ligado a universidade mas é no contra-turno. A questão que deixa muito a desejar é que os alunos têm que ir atrás de onde ele vai estagiar e a universidade deixa muito em cima, essas questões burocráticas, porque tem alunos do ceará que vem pra Paraíba e a gente da Paraíba muitas vezes vai pra o Ceará, se torna muito mais cansativo.

A estudante predispõe uma defesa em relação à universidade por proporcionar uma formação de qualidade e preparação no que diz respeito à teoria. Não obstante, as dificuldades financeiras encontradas no momento do estágio são pertinentes, devido a produção de materiais, principalmente na Educação Infantil. Critica a ausência de preocupação com a acessibilidade dos alunos e a inserção desses na escola, visto que tudo ocorre num curto período de tempo e a dificuldade no tocante à locomoção dos alunos em relação a sua residência e local de estágio. Além das aulas das demais disciplinas, se tem o estágio, dessa forma, ambos preenchem manhãs e tardes, consumindo muito tempo do estudante e exigindo dedicação exorbitante do aluno, provocando assim um estresse acentuado. Sobre esse acúmulo de atividades durante o estágio, Pimenta e Lima (2004, p. 105) assinalam:

Outra dificuldade com que se defrontam os alunos que se iniciam nas atividades de formação de professores e descompasso entre hábitos, calendário, e demais atividades e rotinas da universidade e da escola. Às vezes, a distribuição da carga horária e das disciplinas no currículo dos cursos de licenciatura obriga o aluno a cursar outras disciplinas, além do estágio, no mesmo período letivo.

Diante de inúmeros afazeres os professores em formação, esses atravessam um momento difícil e crucial na vida acadêmica que exige uma dedicação inigualável e quase que exclusiva para a faculdade, por tomar grande parte do nosso tempo, pois as atividades da universidade se dividem em cursar disciplinas durante um turno e realizar o estágio em outro. Falando sobre tais dificuldades apresentadas no estágio, a estudante “C” em sua fala destaca as dificuldades financeiras:

Financeiras não, e oferece por que agente tem a bolsa, ai eu tive que tirar da minha bolsa, que não era diretamente voltada para aquele fim, mas eu me virei, porque era o que eu tinha, era a bolsa do REUNI, quanto ao conteúdo foi muito importante nessa parte, mas financeiramente contribuiu por conta do REUNI, eu tirei do REUNI para produzir os materiais.

A princípio a universidade não favorece o aluno no que diz respeito às questões financeiras, porém existem as bolsas de auxílio estudantil que contribuem e suprem este fim no momento do estágio, mas para a estudante essa bolsa não é suficiente. Assim relata a estudante “D” que a universidade deixa muito a desejar, quando indagada sobre o assunto:

Ela deixa muito a desejar, aqui era pra ter uma creche aqui na Universidade, e pra gente poder passar mais tempo, eu acho insuficiente o tempo que a gente passa e uma observação e intervenção que se resume a um mês, não dar pra colocar tudo que você aprendeu de um curso. E então, deixa muito a desejar nisso ai, e como agente opta por gestão ou EJA a gente poderia também estagiar nos dois, fazer o estágio na Educação de Jovens e Adultos, agente ter essa experiência na EJA, em gestão, já que agente tá optando pela formação de gestor.

Na fala acima a estudante evidencia o desejo de estar mais tempo na sala de aula durante o estágio, pois o tempo é muito restrito, e supõe que uma creche na própria universidade facilitaria o estágio. A estudante demonstra uma inquietação no que concerne à ausência dos estágios em EJA e em gestão escolar, pois poderiam ser opções de trabalho além da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

1.4.A PROBLEMÁTICA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

No tocante à relação teoria e prática, este é um assunto de valor impar para o trabalho docente, pois quando este vem a se concretizar, exige habilidades específicas e necessárias para a execução de ações adequadas. Nesse contexto a estudante “C” disse o seguinte:

Ah são indissociáveis, não andam sozinhas, uma não tá distante da outra, você sem uma teoria seu trabalho é totalmente diferente, eu já vinha de uma sala de aula, eu já trabalhava com reforço, e você quando tem a teoria vai com outro olhar, não tem comparação, quando você tem a teoria você tem com que se subsidiar pra você exercer a sua prática.

Para quem já exerce a docência, porém não tinha a oportunidade de sistematizá-la com a teoria, percebe a importância da teoria para uma prática competente e para a competência de quem está em sala de aula, uma vez que a teoria é um requisito primordial para um trabalho de qualidade, já que melhora e aprimora a prática após um curso superior. Dessa forma, analisando a resposta da estudante, a teoria melhor capacita e prepara o indivíduo, uma vez que sem ela a aula pode ser simplista ou deficiente, pois o conhecimento teórico propicia um trabalho com maior qualidade e competência, além de proporcionar segurança numa constante formação e atualização de saberes. Quanto à permanente construção docente e as possibilidades que temos de estar ressignificando conceitos e aprendizagens, Pimenta e Lima, (2004, p.127) asseveram:

Nesse processo, encontram possibilidade para ressignificar sua identidade profissionais, pois estas como vimos, não são algo: acabado: estão em constante construção, a partir das novas demandas que a sociedade coloca para a escola a ação docente.

Nesse sentido, a prática sem a fundamentação teórica não passa de um senso comum e a teoria isolada impede que surjam dúvidas e criticidade entre o saber e o fazer, acomoda e deixa o professor em formação reduzido a reprodução que renomados estudiosos formularam, a ressignificação dos saberes faz com que os professores em formação construam sua teoria através da prática e vice-versa. A estudante “E” assinala:

Acho que são inseparáveis, acho que você não pode separar a teoria da prática nem a prática da teoria, não tem como. Embora você acredite nesses discursos formados que tem “teoria é uma coisa e prática é outra”, uma depende da outra, você só vai ter uma boa prática se você tiver uma boa teoria, e a teoria só vai servir se você praticar.

Na citação acima, o estudante faz uma referência sobre o que é dito sobre a dicotomia entre teoria e prática, que é tema de discussão muito frequente pelos alunos veteranos ou até mesmo professores em exercício docente, debatidas nas reuniões, planejamento e nas salas de aulas da universidade.

Tá demais, porque tem hora que você está na sala de aula e parece que você tá vendo aquilo que o autor diz, aquelas dificuldades que o aluno tem, que

você já leu a respeito. Mas assim, na teoria é tudo perfeito e na prática não é bem assim, mas se vamos fundamentar o comportamento daquele aluno parece que você tá com um livro ali. Eu creio que ambos estão relacionadas, não ao pé da letra, muitos julgam e eu mesma já julguei que pedagogia é muita teoria, mas é justamente para fundamentar a prática que iremos exercer. (Estudante F)

Esse “mas” é uma ponderação da ligação entre a teoria e a prática, visto que na prática de ensino existem limitações ou dificuldades que não são apresentadas na teoria. Muitas vezes esses conhecimentos produzidos e aprendidos na escola não tem nada a ver com os conhecimentos construídos e vivenciados na escola, logo por isso teoria e prática acabam por não se cruzarem. O embate de quem vive na escola e também na universidade se torna real no estágio, pois é a oportunidade de levar os conhecimentos da escola para a universidade onde até o momento o professor em formação sabia apenas dos conhecimentos produzidos na universidade. Ao que diz respeito à teoria e à prática, Borges e Fontura (2010, p.148) assinalam:

Como então relacionar teoria e prática e prática a teoria? Como transformar teoria-prática e pratica-teoria em uma única dimensão? Essas parecem questões modais na formação docente. Articular essas dimensões nos processos formativos de diversos professores, ainda em andamento ou mesmo no exercício de magistério, é um desafio posto às instituições que formam os docentes e aos formadores de professores.

Como alguns alunos evidenciam que a teoria e a prática são inseparáveis, porém distintas, é sabido que a prática e a teoria são diferentes, e elas o devem ser, e assim sucedem-se novas teorias, com novas práticas num processo de circularidade. Nesse sentido fala a estudante “D”:

A teoria e prática estão muito interligados, porque o que a gente vê na teoria é bem semelhante, como a gente estudou de “professores e professoautos” a gente vê os professores motivados que estão ali para interagir com os alunos e vê realmente o crescimento dos alunos e está a par das dificuldades, como a gente vê aqueles professores que não estão nem aí com os alunos, que “tanto faz, como tanto fez” e dizem que a prática se dicotomiza da teoria, e assim eles vão colocando o que eles acham e muitas vezes não são especializados na área para está ali com as crianças, tem professores que não tem formação para está em sala de aula, e estão por políticos e amizade.

A estudante menciona que alguns professores usam como desculpa o fato da teoria ser diferente da prática para assim desenvolver um trabalho medíocre, pouco sistematizado, e para tanto realizam uma prática fragmentada, sem qualquer suporte teórico, baseada em experiências empíricas. Nesse contexto, o fato de a teoria não ser considerada importante para a prática dá margem e oportunidade para que pessoas que não possuem o curso superior ou o

normal pedagógico ainda estejam em sala de aula por apadrinhamento, assim pessoas que não têm a formação necessária, muitas vezes até com um nível de escolaridade inferior, exercendo o magistério.

É inviável realizar um trabalho de qualidade quando não se tem a licenciatura. Quando a prática não tem precedência teórica e o seu executor não tem a formação mínima de curso superior para a docência, é por apadrinhamento, fato que desqualifica e desvaloriza os conhecimentos aprendidos na academia. Existe uma circularidade entre a teoria e a prática, que só é possível entrelaçar ou confrontar quando se teme vivenciado, inicialmente, o momento do estágio, na ação. Quanto à teoria e à prática, podemos pensar com Borges e Fontura, que:

A prática aqui referida, deve ser encarada como uma possibilidade de relação entre saber e fazer, ou melhor, como um intercruzamento na relação universidade e escola. As discussões suscitadas na escola são debatidas, argumentadas, questionadas e refletidas. Nesse sentido, o estágio volta a escola com toda essa “gama de reflexão” e de alguma forma interfere em seu cotidiano, em sua dinâmica em circularidade (2010, p.147) .

É indubitável o fato de não existir teoria sem prática e prática sem teoria, são vetores interdependentes, o indivíduo que exerce uma profissão seguida de uma graduação, curso técnico ou por meras instruções e aconselhamentos de pessoas mais experientes lidam com esse processo diariamente. Contudo, não podem estar imbricados imparcialmente em qualquer ambiente ou lugar, dessa mesma maneira ocorre na sala de aula, não se é possível adequar ou inserir qualquer teoria na prática, é sabido que a prática precede de uma teoria e vice-versa, de modo que é a partir de novas experiências, novos estudos e conhecimentos que se dá essa circularidade da relação teoria e prática.

São milhares de professores em exercício e todos tem a mesma metodologia? A mesma condução da aula? Então deveria ter uma teoria que fomentasse cada prática? Talvez. Pois se nos ocuparmos em questionar ou buscar justificativa para alguma ação do professor e sua dinâmica em sala de aula, possivelmente saberemos das mais variadas e inúmeras respostas para tal ação, que coincidentemente podem se assimilar com uma tendência pedagógica ou com um seguimento teórico de algum autor, ou mesmo a mistura de várias tendências presentes na dinâmica de aula de um só professor que inclui avaliação, organização de sala, apresentação do conteúdo, relação professor-aluno, metodologia etc. Quanto às condições oferecidas pela universidade, os estudantes prefeririam em suas falas o seguinte: “creio que sim enquanto ao acesso da escola”, “a faculdade devia oferecer

materiais”, “deixa a desejar”, “é pouco tempo de estágio”, “não oferece condições financeiras”, e no tocante à interação das demais disciplinas, falaram: “com certeza”, “existe a interdisciplinaridade”, “sim, por que estão articuladas”. Expomos a seguir a resposta do estudante “A” sobre a interação entre as disciplinas para o estágio:

Na teoria sim, mas na prática não. Pouco se fala na teoria o que o estagiário vai ver quanto ao estágio. Essa interação e forma sistemática de trabalhar seriam melhor tanto para o aluno como também para os professores. Não dar nem tanto pra se colocar por conta que nas disciplinas ofertadas pela universidade eles não trabalham com livros didáticos ou com o sistema que a escola funciona ou trabalha e o aluno enquanto estagiário se prende muito a isso, não pode se desprender da dinâmica de funcionamento da escola, então são mundos diferentes, então as práticas são diferentes, apesar da teoria fazer parte a prática é diferente e deveria ser repensado também por uma questão maior da prática e do aluno no estágio.

Ver-se a escola e a universidade como mundos diferentes, sendo que a universidade não prepara o professor em formação para o que está a sua espera na Escola, inclusive para o manuseio do livro didático, que por ser o instrumento didático mais utilizados, a universidade não orienta a como utilizá-lo, e as disciplinas de metodologias raramente os inclui nas aulas. Nessa perspectiva, Pimenta e Lima (2004, p 103) assinalam: “Um dos primeiros impactos é o susto diante da real condição das escolas e as contradições entre o escrito e o vivido, o dito pelos discursos oficiais e o que realmente acontece”. Assim, existe uma considerável antagonia no que é pregado na universidade e no espaço de formação docente para o que se vive na escola quando se chega até ela, pois faz parte de uma transição necessária no processo de formação. Para alguns estudantes a interdisciplinaridade é plenamente desenvolvida, como afirma a estudante “B”:

Sim, com certeza, sem sombra de dúvida a interdisciplinaridade acontece e principalmente quando a gente vai produzir o relatório, é onde precisa de fundamentação teórica, você ver muito do que os autores falam, a importância que foi a sociologia, a filosofia, a didática, a psicologia, do curso são relevantes.

A estudante salienta o quão relevante é estudar algumas disciplinas por considerar que estas contribuam efetivamente para a construção do relatório de estágio, por serem subsídios teóricos e apresentação de materiais, sejam livros ou nas próprias discussões em sala de aula, na qual o professor em formação já consegue estabelecer uma ponte entre o que é vivenciado e o que é referenciado nas obras lidas, ou que estudiosos disseminam. Afirmam que as disciplinas de fato estão integradas entre si e ao estágio. Como disse Pimenta e Lima (2004, p.

44) sobre o estágio supervisionado na perspectiva de um traço cultural compartilhado e de outros contextos:

Isso só pode ser conseguido se o estágio for uma preocupação, um eixo de todas as disciplinas do curso, e não apenas daqueles erroneamente denominadas “práticas”. Todas as disciplinas, conforme nossos entendimentos são ao mesmo tempo “teóricas” e “práticas”. Num curso de formação de professores, todas as disciplinas, as de fundamentos e as de didáticas, devem contribuir para sua finalidade, que é formar professores a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação. Todas as disciplinas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para esse processo.

Os estudantes destacam a interação entre as disciplinas que oferecem um subsídio para o momento do estágio, a estudante “C” afirma:

Sim, com certeza muito do que a gente fez aqui, principalmente na disciplina de língua portuguesa serviu muito para o nosso estágio na educação infantil, todas as nossas atividades que foram feitas aqui foram levadas para o estágio, a gente socializou.

A resposta dada pela estudante evidencia a reutilização de jogos desenvolvidas nas oficinas e que foram levados para o estágio, estimando mais o sentido do concreto e da confecção dos materiais produzidos em sala de aula como um porte de antecedência para o momento do estágio, visto que já estava pronto e pode ser compartilhado com os demais colegas todos os trabalhos produzidos na própria disciplina. Já a estudante “D” dá ênfase à interdisciplinaridade na perspectiva de que a junção de todas as disciplinas se configura em uma unidade, assim assevera:

Com certeza, claro que existe, por que é no curso que a gente estuda a didática, os termos avaliativos, que a gente leva, as fundamentações, e estudar a interação também com a escola do docente e não docente, é um leque de cadeiras dentro do curso que forma uma só, como se fosse uma só que a gente tira um pouquinho de cada situação para procurar uma resolução para o problema.

A interconexão das demais disciplinas se unifica quando os desafios em sala de aula surgem. Além de propiciar a oportunidade de lidar com os futuros colegas de profissão e desenvolver as habilidades sociais que são necessárias quando indivíduos compartilham domesmo ambiente de trabalho, e vivem em interação contínua, pondo em relação o sujeito que está se formando em docente e o que já está formado, favorecendo ambos a expandir saberes. Assim assevera Pimenta e Lima:

Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, de criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os professores de profissão como é o ensinar, é o desafiar a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação. (2004, p 111-112).

Em decorrência dessa finalidade acerca do estágio como momento ideal para aprender com os demais professores, cabe ao professor em formação refletir sobre a realidade e os fatores que a compõem e contribuem para a formação do professor, no seu compromisso, envolvimento, satisfação, iniciativa, as relações interpessoais com os colegas de profissão que partilham experiências. Isto mostrará que as novas resoluções de problemas na profissão e novas estratégias de ensino partilhadas evidenciam a importância do trabalho coletivo.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado, de acordo com a fala dos entrevistados e com o apontado pela literatura, é relevante para a formação docente, e assim deve-se levar em conta a importância da sua obrigatoriedade em todos os cursos de licenciatura, pois é no estágio que o estudante tem a possibilidade de conciliar o que é dito e o que é feito, refletindo sobre suas aproximações e distanciamentos, assim contribuindo para uma análise crítica sobre o ofício de ser professor, com necessárias adequações para o perfil de profissional que se almeja no futuro. Percebendo essa importância do estágio, o meio acadêmico tem produzido vários trabalhos científicos que discutem o tema em questão.

Dessa forma, as entrevistas demarcam concepções de pessoas que passaram por essa experiência, desenvolvendo diversas concepções sobre o estágio, resultando da interpretação e representação que cada situação apresentou para cada indivíduo.

Pode-se afirmar, diante de tais reflexões, que o trabalho que teve como escopo analisar as concepções dos estudantes de pedagogia do CFP/UFCG sobre o estágio supervisionado na Educação Infantil para a formação docente atingiu os seus objetivos, que visaram: verificar quais as expectativas dos estudantes de pedagogia sobre a profissão do professor mediante suas experiências como estagiários; apontar se o estágio supervisionado na educação infantil é tido como uma disciplina isolada ou é trabalhada de forma interativa juntamente com as demais disciplinas do curso e identificar como os professores em formação lidam com a relação teoria e prática na vivência do estágio. O estágio

supervisionado é o veículo de inserção do aluno no seu possível futuro ambiente de trabalho e com isso desencadeia uma série de sensações que podem ser motivadoras ou desmotivadoras para seguir a profissão. Neste sentido, a grande maioria dos entrevistados afirmou que o estágio o estimulou a seguir na docência.

Sendo o estágio supervisionado o ponto de partida para o mundo do trabalho, é a partir deste que o estudante é despertado a pensar nas perspectivas e possibilidades futuras para a sua carreira profissional, e com base em reflexões críticas construir e traçar um caminho.

É unânime entre os estudantes que a teoria e prática são interdependentes e atreladas a qualidade de trabalho. Ambas são intransferíveis, sendo cada uma com objetivos distintos, a primeira para oferecer um suporte teórico e a segunda para inserir o aluno na prática.

Quanto à universidade, currículo e condições para o estágio, os estudantes compartilham da ideia de que a academia oferece uma boa preparação teórica, composta por disciplinas importantes na formação docente que antecede o estágio, porém no que diz respeito às dificuldades enfrentadas no estágio, apontam as condições econômicas como as principais, seguidas de grande atribuição de tarefas no período de estágio, e curto tempo para realizar o estágio. Assim sendo, É consensual que o estágio supervisionado na Educação Infantil é essencial para a formação do pedagogo, visto que para muitos é o primeiro contato com o mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre as práticas pedagógicas diversas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases das Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - . 8. Ed. – Brasília : Câmara de Deputados, Edição Câmara , 2013
- BORGES, Luis Paulo Cruz; FONTURA, Helena Amaral da. Diálogos entre educação básica e a universidade: a circularidade de saberes na formação docente. **Educação de Infância**: perspectivas históricas e sociológicas de investigação. Campo Grande, MS, v. 16, n. 32, p. 143-156, 2010.
- BOULOS, Yara. Didática Geral ou especial? Uma contribuição ao debate. In: Stela C. Bertholo Piconez. **A prática de Ensino e o estágio supervisionado**. 24ªed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES Romeu; MINAYO; Maria de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método, criatividade. Petrópoles, RJ: Vozes, 1994.
- KRAMMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48ª ed , Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.
- KULNSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: Stela C. Bertholo Piconez. **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 24º ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- LIBÂNEO, J. Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MACIEL, Emanoela Moreira; MENDES, Barbara Macedo. O estágio supervisionado na formação inicial: algumas considerações. In: **Anais do VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI**. Programa de pós-graduação em Educação, 4, 2010, Teresina. Anais eletrônicos Teresina: UFPI, 2010. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_08_2010.pdf
- MATSUOKA, Silvia; SIGNORELLI, Gláucia. Integração universidade e escola pelo PIBID: uma análise das ações formativas de supervisores aos licenciandos. **Relação Escola-Universidade**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 145-159, 2013.
- PEREZ, Antônio Tavares. Reflexões sobre o estágio supervisionado. **Interface entre Escola e Universidade**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 120-133, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência** – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A formação inicial do professor de Geografia. In: Stela C. Bertholo Piconez. **A prática de Ensino e o estágio supervisionado**. -24º ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RAMALHO, Betânia Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán e GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectiva e desafios**. 2ª ed., Porto Alegre: Sulinas, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

SILVA, Gidélia Alencar. **A educação emocional e o preparo do profissional docente**. Salvador, BA: Fundação Visconde de Cairu, 2012.

SOUSA, Ana Paula Gestoso [et al.] A escrita de diários na formação docente. **Educação em revista**. Belo Horizonte: v.28. 2012.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente e elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

APÊNDICE A

CRONOGRAMA

<i>Meses</i>	<i>Abril</i>	<i>Mai</i>	<i>Junho</i>	<i>Julho</i>	<i>Agosto</i>	<i>Setembro</i>	<i>Outubro</i>
Elaboração do projeto	X	X					
Coleta de dados			X				
Processamento dos dados			X	X			
Análise dos dados			X	X	X		
Escrita do relatório de pesquisa/ Monografia				X	X	X	
Defesa							X

Beatriz Santos Batista

APÊNDICE B



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

CAMPUS CAJAZEIRAS

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ORIENTADOR: DORGIVAL FERNANDES GONÇALVES

ORIENTANDA: BEATRIZ SANTOS BATISTA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados e prezadas entrevistados (as);

Estou realizando a pesquisa de campo do projeto monográfico intitulado “Jovens estudantes de camadas populares em cursos considerados de elite: entre sonho, dificuldades e superações”. O objetivo deste trabalho é analisar os dilemas vivenciados e as estratégias de superação elaboradas por jovens estudantes de camadas populares em cursos elitizados do ensino superior. Deste modo, solicito a sua colaboração na pesquisa concedendo-me a permissão de poder entrevistar-vos na pesquisa acima mencionada com a autorização de gravar e utilizar trechos de suas falas relativas às respostas às questões do formulário de entrevistas em anexo.

Esta pesquisa não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas no mais absoluto sigilo, quanto ao anonimato e confidencialidade de seus participantes/respondentes. Outrossim, informo que antes de finalizada a entrevista você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar. Assim como, o entrevistado escolherá um pseudônimo para ser resguardado em suas informações prestadas/vinculadas no texto da monografia.

Concomitantemente, informo que uma vez prestada a colaboração na participação a esta entrevista, suas considerações serão tratadas de modo autêntico em relação a seus esclarecimentos na produção da monografia acima mencionada.

Desde já conto com a sua colaboração e agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Cajazeiras-PB, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do Entrevistado (a) _____

Fone Responsável pelo Entrevistado (a): (83) _____

E-mail (caso haja): _____

APÊNDICE C



Universidade Federal
de Campina Grande



**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DISCENTE: BEATRIZ SANTOS BATISTA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Dados demográficos

Período: _____

Sexo: feminino () masculino ()

Idade: _____

Curso: _____

2. Questões norteadoras para entrevista

- 1- Para você, o que o estágio supervisionado na Educação Infantil significou?
- 2- Quais as suas expectativas sobre a profissão docente após o estágio?
- 3- O estágio supervisionado lhe motivou ou desestimulou a escolher a profissão docente?

4- Você acha que existe uma interação das demais disciplinas do curso para o estágio?

5- Como você percebe a relação teoria e prática na vivência do estágio?

6- Na sua opinião a Universidade oferece condições adequadas para essa prática?